PAISAGEM, A LINGUAGEM DOS FENÔMENOS

LANDSCAPE, THE LANGUAGE OF PHENOMENA

PAISAJE, EL LENGUAJE DE LOS FENÓMENOS

Jahan Natanael Domingos Lopes
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
jahan_natanael@hotmail.com

RESUMO

Em vista de compreender a fenomenologia da paisagem, perscrutou-se uma leitura existencial. Conforme o mundo dos fenômenos, configura-se a linguagem através do ínterim do ente-ser, pelo objeto-sujeito a partir da coisa-palavra, em imbricações inter-relacionadas para tramar a realidade terrena e mundanidade a circular a paisagem. Versa-se da existencialidade (ente-ser) à experiencialidade (coisa-palavra) e, dessarte, para a conscienciosidade (objeto-sujeito). A ontologia da paisagem é, assim, um engendrar dos sentidos na integralidade da percepção. Com isso, tramou-se a noção de paisagem com a de território através da língua em linguagem política (pela projeção) e cultural (pela tradição). Também, cerceiam-se as relações sociais da paisagem como a circularidade entre a nação, povo de um território e a pátria, território de um povo. Através da tipologia da paisagem, anteceder-se deve à perspectiva de ciência existencial em oposição à ciência metodológica, considerando-se contemplar, com a consciência geográfica, a perceptividade das situações e das relações. Dessarte, a paisagem é a linguagem dos fenômenos em sua ontologia que, na abertura dos horizontes (de si) e dos mundos (dos outros), fundem-se em reflexão geoética.

Palavras-chave: Pensamento geográfico. Hermenêutica. Ontologia. Paisagem.

ABSTRACT

In order to understand the phenomenology of the landscape, an existential reading was peered. According to the world of phenomena, language is configured through the meantime of the ente-being, by the object-subject from the thing-word, in interrelated imbrications to bring about the dark reality and worldliness to circulate the landscape. It deals with existentiality (ente-being) to experiality (word-thing) and, disart, for conscientiousness (object-subject). The ontology of the landscape is thus an engendering of the senses in the integrality of perception. With this, the notion of landscape with that of territory was made through language in political language (by projection) and cultural language (by tradition). Also, the social relations of the landscape are surrounded as the circularity between the nation, the people of a territory and the homeland, territory of a people. Through the typology of the landscape, the perspective of existential science as opposed to methodological science is due, considering contemplating, with geographical awareness, the perceptivity of situations and relationships. Disart, the landscape is the language of phenomena in their ontology that, in the opening of horizons (of themselves) and of the worlds (of others), merge into geoethical reflection.

Keywords: Geographic thinking. Hermeneutics. Ontology. Landscape.

RESUMEN

Para comprender la fenomenología del paisaje, se investigó una lectura existencial. Según el mundo de los fenómenos, el lenguaje se configura a través del interín del ser-ser, por el objeto-sujeto a partir de la cosa-palabra, en imbricaciones interrelacionadas para tejer la realidad terrenal y la mundanalidad para circular el paisaje. Se trata de existencialidad (ser-ser) a experiencialidad (cosa-palabra) y, así, por la concienciosidad (objeto-sujeto). La ontología del paisaje es, por tanto, un engendramiento de los sentidos en la integralidad de la percepción. Con esto, la noción de paisaje se entrelaza con la de territorio a través del lenguaje en el lenguaje político (a través de la proyección) y cultural (a través de la tradición). Asimismo, las relaciones sociales del paisaje se limitan como la circularidad entre la nación, pueblo de un territorio y la patria, territorio de un pueblo. A través de la tipología del paisaje, se debe anteponer la perspectiva de la ciencia existencial frente a la ciencia metodológica, considerando la contemplación, la conciencia geográfica, la percepción de situaciones y relaciones. Así, el paisaje es el lenguaje de los fenómenos en su ontología que, en la apertura de horizontes (de uno mismo) y de mundos (de los otros), se funden en la reflexión geoética.

Palabras clave: Pensamiento geográfico. Hermenéutica. Ontología. Paisaje.

INTRODUÇÃO

> *Pouco a pouco se vai tornando costume considerar como sinônimos termos que deveriam conservar sentido distinto, e as línguas perdem um tanto da graça e energia com auxílio das quais reproduziam, na descrição da natureza, o carácter peculiar às paisagens*
>
> *(Humboldt, 1950, p. 259)*

No caminho de compreender a paisagem, tem-se a abertura da percepção geográfica. O ser é percebido, experiencia-se o fenômeno que aparece e, sobretudo, aparece para a consciência. Adentra-se à fenomenologia na abertura da própria paisagem circundante. A partir de E. Husserl (2020, p. 76), excerta-se: "Aí está a coisa em frente aos meus olhos percipientes, eu a vejo e a pego. Mas a percepção é meramente uma vivência minha enquanto sujeito, do sujeito percipiente". Intenciona-se a percepção na direção da coisa transmutada, enquanto objeto, a partir da relação com o sujeito: o fenômeno está entre essa relação a esculpir sua própria vida. Ademais, Husserl (2020) destaca:

> "Igualmente a memória e a expectativa são vivências subjetivas, elas são todos os atos do pensar construídos sobre isso, através dos quais se chega à posição mediada de um ser real e à definição de todo tipo de *verdade* sobre o ser" (HUSSERL, 2020, p. 76, destaque do autor).

Transpassa-se à consciência, a irradiação do fenômeno espacializado enquanto tempo cognoscente. Com o Ser percebido, ocupa-se a espacialidade a si próprio no mundo e, também, o mundo a si próprio aparecendo ao Ser percipiente.

A paisagem é aberta através da percepção dos fenômenos. O ser suspende o ente, esse é a realidade em finitude enquanto aquele é a mundanidade em infinitude. Desse modo, encontra-se com J. Besse (2014, p. 08) "A paisagem é atormentada pelo infinito, e talvez, no fundo, esta insistência, esta presença transborde do infinito no finito, seja a força mais íntima da experiência paisagística". Nisso, há a ontologia em sua fundamentação mais basilar, a coisa em ente e o objeto aberto em ser; são correspondências dimensionadoras de liames lógicos ao sentido à perceptividade. Através da paisagem, encontram-se – em configuração – as relações complexas entre o entorno fenomênico (seres) do mundo circundante e o terreno real (entes) em configuração. Contudo, atenta-se: "O mero ver, o mero ouvir são abstrações dogmáticas que reduzem artificialmente os fenômenos. A percepção inclui sempre o significado" (GADAMER, 2015, p. 143). É, pois, na compreensão do que vem a ser, da verdade do ser, que a percepção introjeta-se nas significações; rumo ao ínterim do ente-ser expurga, à fenomenologia da paisagem, seu sentido percebido.

A fim de se situarem melhor as esferas existenciais, têm-se para a Geografia existencial três noções fundamentais: Terra (Ente, realidade, espacial, ôntica), Mundo (Ser, mundanidade, temporal, ontológico) e Universo (Nada, nadidade, espaço-tempo, ôntico-ontológico); desse modo, engendram-se a esfera dos entes como entosfera, a esfera dos seres como ontosfera e a esfera do nada como nadosfera (LOPES, 2021a). Com isso, encontra-se uma profusão de entes em suspensão de seres, da Terra em Mundo, uma noção cujo "acontecer, isto é, os eventos, são consequência da existência dos homens sobre a Terra, agindo para realizar o Mundo. Onde escreve-se 'homens', leia-se, também, Estados, empresas, instituições, toda natureza, entidades que [...] são capazes de ação" (SANTOS, 2017, p. 163). As entidades são o modo de ser dos entes, são sua abertura do real ao mundano edificada em ações humanas de produção e de criação. Atenta-se, pois, que: "Espaço é o que abarca todos os entes que estão no espaço" (GADAMER, 2015, p. 221). A questão aqui é que a configuração dos entes são a fundamentação da paisagem, logo, ela provém da realidade e situa-se no mundo humano como natureza.

Versa-se de modo a determinar na abertura do eu na natureza, entre o ser e o mundo, uma circularidade existencial. Isso segundo H. Gadamer (2015, p. 289) a partir de que: "O eu individual é como um ponto solitário no mundo dos fenômenos". Nessa situação, têm-se as relações: "Mas em suas exteriorizações, sobretudo na linguagem, e fundamentalmente em todas as formas em que consegue dar-se expressão, deixa de ser um tal ponto solitário. Pertence ao mundo do compreensível" (GADAMER, 2015, p. 289). É desse interregno humano-natural que a paisagem promoverá uma compreensão de percepção-perceptível e, ademais, plasmada através da linguagem. De modo mais explícito, pelos entes abertos como coisas pelas palavras dos seres enquanto sujeitos na relação para com objetos; isso posto, há, inclusive, uma escalaridade da linguagem, ao que "uma palavra só pode ser compreendida plenamente a partir da frase inteira e esta somente a partir do contexto do texto inteiro e até da totalidade da literatura transmitida" (GADAMER, 2015, p. 312). Nessa hermenêutica da paisagem, sua compreensão é pela linguagem, assim como sua fenomenologia está nos fenômenos por ela atribuídos em unidade.

Por este prisma, pode-se estabelecer o caminho para se conceber a paisagem através dos fenômenos manifestados de entes como seres; esse percurso por si só não é a paisagem, mas a configuração dos entes percebidos. De acordo com I. Khaldun (1960, p. 105, destaques nossos): "todos os seres perceptíveis dependem da existência da *perceptividade dos sentidos*, e, o que é mais forte ainda, a existência dos seres perceptíveis pelo intelecto e dos que se podem imaginar depende da existência da *perceptividade do intelecto*". Isto é, há duas perceptividades aos seres perceptíveis: pelos sentidos e pelo intelecto. De outro modo, em termos fenomenológicos, constituídos pelo corpo e pela consciência. No retornar ao perceptível: "toda existência separável (isto é, de seres que distinguem uns dos outros) dependeria da perceptividade humana" (KHALDUN, 1960, 105). Ademais, "o quente e o frio; o duro e o mole; a própria terra; a água e o fogo; o céu e as estrelas não existiriam senão mediante a existência dos sentidos feitos para percebê-los" (KHALDUN, 1960, p. 105). Dessarte, ainda, tem-se que "se estes órgãos, dotados da faculdade de distinguir, não existissem, só haveria uma percepção única, a percepção do eu". (KHALDUN, 1960, p. 105). Nessa alicerçagem, fundamenta-se a instrumentação da compreensão da paisagem através da percepção da geografia circundante.

Há diferenciação dos entes pela percepção, embora sejam constituição conforme a totalidade da Terra em sua todidade; outrossim, os seres são percebidos com distinções, malgrado teçam parcialidades da facticidade do mundo. Atentar-se deve, segundo R. Moreira (2007, p. 157): "É com a distribuição que a alteridade acontece. O ente se vê num todo e em face desse todo o sentido de estar como ser aparece". De modo mais aberto, estar (espaço) e ser (tempo) permeiam uma concepção ôntico-ontológica de mesma fenomenologia: "E é essa apresentação/presentificação do ente na distribuição que torna a localização o elo de um ser-estar-algo do ente, o espaço-mundo virando espacialidade" (MOREIRA, 2007, p. 157). Apresentar-se (espaço, ente) e presentificar-se (tempo, ser) são mútuos, porque o elo mundano está coligado ao elo terreno, o existir dos seres abre-se em espacialidade do tempo e temporalidade do espaço.

As paisagens, logo, são compreendidas pelo espaço-tempo na imbricação ente-ser de modo ôntico-ontológico. Ainda, a paisagem são os entes em diferenciação na abertura de seres distinguíveis. Percebe-se, pelo corpo e pela consciência, o perceptível em uma desagregação humana através da possibilidade de abertura a qual transfigura a natureza ao humano. Assim, compreendido o preâmbulo, vê-se a naturalidade da paisagem. Penetra-se mais com M. Heidegger (2015, p. 49): "Enquanto questionado, ser exige, portanto, um modo próprio de demonstração que se distingue essencialmente da descoberta de um ente. [...] o que resulta como interrogado na questão do ser é o próprio ente". Com isso, verifica-se que a caminho de investigação vai do ser ao ente, conquanto seja o ente (real) que se abra em ser (mundano). Desse modo, a percepção da paisagem distingue-se da paisagem perceptível, no entanto, é pelo investigar da primeira que se desvela a segunda.

Nesse diapasão, transpassa-se a partir da concepção da percepção da paisagem no dito de M. Merleau-Ponty (2018):

> "No mundo tomado em si tudo é determinado. Há muitos espetáculos confusos, como uma paisagem em um dia de névoa, mas justamente nós sempre admitimos que nenhuma paisagem real é em si mesma confusa. Ela só o é para nós" (MERLEAU-PONTY , 2018, p. 27).

Aqui, a consciência está situada em um mundo que irradia do meio (situação) em complexidade ao ambiente (relações) que prospectam a paisagem em sua abertura ontológica ambiente-meio ao meio-ambiente em circularidade psico-socioespacial (LOPES, 2022). Contempla-se: "Sou eu quem tem a experiência da paisagem, mas tenho

consciência, nessa experiência, de assumir uma situação de fato, de reunir um sentido esparso por todos os fenômenos e de dizer aquilo que eles querem dizer de si mesmos" (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 355). Nesse passo, o eu abre-se em ser que propulsiona em vivência a percepção das relações advindas de sua situação para que a paisagem seja dita, aqui, ou seja, na experiência da paisagem, tem-se a linguagem dos fenômenos.

Nestes horizontes, margeia-se conceber a linguagem em expressividade humana, de modo a ser sentida da existencialidade à experiencialidade, através das línguas. Disso, o ente-ser versa-se como coisa-palavra. Caminha-se do ser para a palavra, em vista de que: "a primeira invenção da palavra não nasce das necessidades, mas das paixões" (ROUSSEAU, 2008, p. 103). Fundado nisso, versa-se o percurso do sujeito defronte ao objeto que lhe permitem o sentir e a sensação, instigando, no imediato impacto, a sua imaginação, haja vista ser, a palavra poética, anterior à palavra lógica: "a palavra figurada nasce antes da palavra própria, quando a paixão nos fascina os olhos e quando a primeira ideia que ela nos oferece não é a verdadeira" (ROUSSEAU, 2008, p. 106). A correspondência do objeto à coisa, pela palavra ao ente é o percurso fluido, interpenetrado pela criatividade e, até, pela produtividade de sentidos.

Prossegue-se, portanto, que demonstrar a paisagem é uma convocação linguística, afinal "a multiplicidade do que é pensado surge somente a partir da unidade da palavra" (GADAMER, 2015, p. 623). Perceber a paisagem é configurar entes e não somente pairar no observar, mas atribuir significados e, de modo mais primordial, palavras em sistema. O múltiplo sistematiza-se em unidade de configuração, perde-se a diferenciação, porém não a distinção, isto é, inverte-se: ganha-se uma identidade com distinções. Diz-se, ainda, que "na experiência humana de mundo que se dá na linguagem não se calcula ou mede simplesmente o dado, mas vem à fala o ente, tal como se mostra ao homem, como ente e como significante" (GADAMER, 2015, p. 588). Os entes perceptíveis evocam palavras percebidas na configuração dos entes pelas coisas à configuração dos seres pelas palavras, modelando-se, dessa maneira, a configuração da linguagem à configuração da paisagem.

Entendidas a unidade dos entes (de coisas às palavras) e a totalidade de sua configuração dos seres (da percepção à linguagem), demonstra-se a paisagem através do mundo dos fenômenos. Por conseguinte, há a ontologia da paisagem enquanto linguagem do pensamento geográfico. Aqui, na profusão ontológica, trabalhar-se-á com H. Gadamer

(2015) e com M. Foucault (2002). Suficiente é à guisa introdutória; logo, em aprofundamento abrir-se-ão duas seções subsequentes: a linguagem do pensar a paisagem e o pensamento do linguar a paisagem. Entranham-se os temas, embora sejam enfatizados em cada discussão.

PAISAGEM, LINGUAGEM DO PENSAMENTO

> *Paisagem, país*
> *feito de pensamento da paisagem,*
> *na criativa distância espacitempo,*
> *à margem de gravuras, documentos,*
> *quando as coisas existem com violência*
> *mais do que existimos: nos povoam*
> *e nos olham, nos fixam. Contemplados,*
> *submissos, delas somos pasto,*
> *somos a paisagem da paisagem.*
>
> *(Andrade, 1992, p. 392)*

A paisagem e a linguagem unem-se em facetas de uma mesma configuração do pensamento paisagístico, pois a natureza circundante evade a exigência de palavras aos entes e suas correlações. É dessa concepção que se chega à contemplação ordenada de M. Foucault (2002, p.17) "a ordem é ao mesmo tempo aquilo que se oferece nas coisas como sua lei interior, a rede secreta segundo a qual elas se olham de algum modo umas às outras e aquilo que só existe através do crivo de um olhar, de uma atenção, de uma linguagem".

Verifica-se, aqui, que esse percurso é interpretado como a genealogia da paisagem, sendo exatamente essa trajetória que trama uma rede, uma relação entre a consciência do circundante e do circundante real abrindo-se à percepção geográfica expandida pela linguagem.

De modo geral, M. Santos (2017) afirma

> "A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. Assim, quando se fala paisagem, há, também, referência à configuração do territorial e, em muitos idiomas, o uso das duas expressões é indiferente" (SANTOS, 2017, p. 103).

Versa-se, de acordo com R. Baldin (2021, p. 2) "do latim vem o termo 'pagus', significando literalmente 'vila', originando, noutras línguas, *paese*, *país*, *pays* e

land". Dessarte, conforme tem-se a paisagem pela linguagem, conecta-se a concepção do território, haja vista a nação (povo de um território) e a pátria (território de um povo) articularem-se através da linguagem. Cerceia-se que "povo é um conjunto de indivíduos, de uma ou mais raças, falando a mesma língua, ocupando o mesmo território, tendo os mesmos usos e costumes e, frequentemente, a mesma religião" (LA BLACHE, 1954, p. 39, N. T.). Associam-se significados à língua comum e à linguagem comum em expressão de signos por imagens, através da naturalidade da paisagem, que advêm dos signos das palavras provenientes dos entes distinguíveis. A paisagem, pois, é compartilhada pela linguagem e isso alude a uma ação de sociabilidade do território.

Extirpa-se a paisagem como visão, mas como percepção. Abre-se rumo à "observação da paisagem, percepção dos fenômenos, contato, registro, descrição, representação, análise e reflexão crítica, [...] porém tomando como base não a visão, mas sim, os outros sentidos como o tato, olfato e a audição" (VASCONCELOS et al., 2019, p. 7). A linguagem, como abertura da percepção, abarca todos os sentidos, sendo que um cego pode conhecer muito bem a paisagem olhando de outros modos, entre eles, e sobretudo, pela língua. A partir de que a paisagem é linguagem, configuração de palavras às coisas em uma unidade, encontram-se no falar e no dizer a abertura perceptiva à não-visão. Dessarte, afirma-se: "Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc" (SANTOS, 1988, p. 21). Assim, a complexidade das coisas, aberta em uma configuração de palavras, é o que o cego necessita conhecer, através das diversas possibilidades de percepção geográfica, para a compreensão da paisagem.

Língua e linguagem associam-se às culturas e às particularidades, isto é, a linguagem é entendida como expressão e a língua como enunciação. Segue-se à existencialidade que "na experiência humana de mundo que se dá na linguagem não se calcula ou mede simplesmente o dado, mas vem à fala o ente, tal como se mostra ao homem, como ente e como significante" (GADAMER, 2015, p. 588). Desse modo, ente e fala agregam-se tal como as coisas e as palavras, estas como terrenas e aquelas como expressões mundanas. O complexo de significados é uma trama em rede dos significantes designados a partir dos signos. Tange à semiótica, mas, guina-se, novamente, à questão basilar: "*A forma da linguagem e o conteúdo da tradição não podem ser separados da*

experiência hermenêutica" (GADAMER, 2015, p. 569, destaque do autor). Linguagem e tradição vinculam o presente ao histórico em rumo projetivo, o que torna a linguagem uma experiência temporal-consciente e, por conseguinte, espacial-corporal.

Ainda sob o caminho de M. Foucault (2002, p. 114), evoca-se – ao tom hegeliano, cujo espírito é a justaposição das consciências – que: "Se o espírito tivesse poder de pronunciar as ideias como as percebe, não há nenhuma dúvida de que as pronunciaria todas ao mesmo tempo". Eis, portanto, a noção de paisagem como uma ideia impronunciável, haja vista as limitações da linguagem em sua atitude que, por mais abstrata, mesmo em um discurso de categorias, é impossível de ser transmitida de modo inequívoco. Em consequência disso, a paisagem na geografia ganha seus focos: paisagens naturais, paisagens culturais, paisagens urbanas, paisagens rurais, paisagens do medo, paisagens do amor etc.

Há mais. Mesmo paisagens de satélites não fogem de pensar na paisagem incompleta do planeta, como em sua primeira percepção presente, isto é, quando em 12 de abril de 1961, o cosmonauta russo Iuri Gagarin exclamou: "A Terra é azul!" (CHALOUB, 2015). É curioso, inclusive, lembrar que nem sempre os mapas foram pintados de azul e, desse modo, salienta-se a tradição, do imo da consciência, a pré-condicionar a percepção, como instrui J. Seemann (2020):

> "Azul para representar água em mapas é uma convenção, não um processo natural e intuitivo. Curiosamente, foi apenas no século XIX que cartógrafos e outros produtores de mapas adotaram essa cor como padrão para rios, lagos e oceanos" (SEEMANN, 2020, p. 31).

O processo é técnico-cultural. Embora a faceta original da linguagem esteja ligada com o modo de se perceberem os entes, o ente (enquanto realidade) não muda, mas, sim, a sua situação intramundana.

A origem da linguagem é o homem e não a natureza. Constrói-se: "O espírito humano é naturalmente levado a supor que há nas coisas mais ordem e semelhança do que possuem; e, enquanto a natureza é plena de exceções e de diferenças, por toda a parte o espírito vê harmonia, acordo e similitude" (FOUCAULT, 2002, p. 71). Disso, coisas remetem às palavras pelos entes percebidos na consciência que transborda sua tradição. Coliga-se, "a multiplicidade do que é pensado surge somente a partir da unidade da palavra" (GADAMER, 2015, p. 623). O embate do múltiplo e do uno marca encontro

pelo pensamento. A percepção é a conversão de uma em outra ao de imediato traquinar sentido na guia da consciência. A palavra é unidade da multiplicidade das realidades dos entes das coisas abertas em seres por palavras.

A paisagem ganha destaque na integração de corresponder a linguagem com a percepção da natureza. Em uma rede de sentidos, a configuração das palavras alude à imagem. De modo mais explícito, toma-se uma paisagem urbana: prédios, ruas, carros, buzinas, postes, massas, calçadas, semáforos etc. e reúne-se toda a configuração da sistêmica-serial (LOPES, 2021b) em uma unidade: paisagem urbana. Ainda, em totalidade: paisagem. Vê-se uma paisagem tal como se vê uma paisagem urbana e tal como se vê cada coisa ao cognoscente delas pelas palavras. Circula-se da coisa à ideia e da ideia à coisa, passa-se por todas as faculdades: imaginação, entendimento e razão (DELEUZE, 2000). Costura-se toda a complexidade do conhecimento humano em uma posição de paisagem, que não é subjetiva devido à tradição e nem objetiva devido à linguagem. É a amálgama justa de ambas – em relações interobjetivas (ser-em) e intersubjetivas (ser-com) –, afinal, considera-se aqui em "converter o discurso sobre as paisagens num corpo de linguagem conceitual que as veja como uma realidade em movimento" (MOREIRA, 2007, p. 21). O movimento não é só em materialidade, mas toda a complexidade dos movimentos – sobretudo circulares – do pensamento humano acerca da natureza circundante.

Há diferença na Natureza, conquanto o próprio ser humano a integre em uma unidade de identidade que mascara suas marcas entre uma primeira natureza e uma segunda natureza. Consente-se que: "Não haveria relações sociais se não houvesse a necessidade de os homens transformarem o meio natural em meio de subsistência ou de a este chegarem por meio do trabalho" (MOREIRA, 2007, p. 65). Os meios se transformam, ou melhor ainda, os meios são transformados. É nesse percurso de criação e produção que o espaço desenvolve-se, ademais "se ser é a existência em potência, segundo Sartre, e a existência é o ser em ato, a sociedade seria, assim, o Ser e o espaço, a Existência. É o espaço que, afinal, permite à sociedade global realizar-se como fenômeno" (SANTOS, 2017, p. 119).

A espacialidade é a abertura da existência geográfica, enquanto a sociedade é a abertura do ser em espacialidade. De outro modo, a existência é vista no corpo-

consciência ao mundo circundante rumo à fusão dos mundos da Terra transformada em Mundo: eis o Espaço; e o ser é o corpo-consciência existindo de modo ôntico na ordem natural das coisas.

A segunda natureza são as intencionalidades de acordo com os interesses em tradição, formando paisagens humanas em uma linguagem humana: a própria paisagem enquanto identidade é um exemplo de possibilidade do que é diluir a natureza, falar "paisagem" já é uma dissolução das diferenças e, tão logo, construção de ordem. A paisagem é humana porque enquanto conceito é uma configuração na rede de palavras, enquanto categoria é a possibilidade *a priori* de historicidade das formas da percepção e, sobretudo, como palavra é uma imputação de unidade.

Prossegue-se pensar segundo a visão neoplatônica de Agostinho (*apud* WILLIANS, 2011, p. 203): "Os homens viajam e admiram as altas montanhas, e os vastos mares, e as torrentes ferozes, e o oceano e o curso das estrelas, e se esquecem de si próprios ao fazê-lo". A perda de si, na paisagem, é recorrente, não por desaparecer o sujeito, isto é, não se dissocia o sujeito (percipiente) do objeto (paisagem), mas porque a própria paisagem, como configuração dos entes em seres, introjeta a presença da percepção como ente intramundano. Assim ressalta E. Dardel (2011):

> "A paisagem é a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre. [...] a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma 'impressão', que une todos os elementos" (DARDEL, 2011, p. 30).

Incumbe, então, uma concepção de dissolução humana no mundo, ademais, não há paisagem sem percepção, não divina, mas plenamente mortal e vivida, faz-se o olho no olhar e a paisagem vista como visível do ver vivido e, como vivência, consciência criando e produzindo o próprio quadro em questão.

Construídas a vinculação da consciência da paisagem e a paisagem da consciência presente nela, evoca-se, na linguagem, a possibilidade máxima da compreensão do fenômeno do mundo. Tramada a ontologia da paisagem, destitui-se em representações e perde sua complexidade: "Uma vez elidida a existência da linguagem, subsiste na representação apenas seu funcionamento: sua natureza e suas virtudes de discurso" (FOUCAULT, 2002, p. 112). Aqui a vivência geográfica centelha confusão, isto é, a geografia perde-se na discussão se uma paisagem é natural ou não, se é humana

ou não, se é mais uma ou outra etc. Essa contenda é funcional da paisagem, uma preocupação funcionalista. A concepção funcionalista, tipológica, exclui toda discussão feita até aqui, que é a paisagem de modo existencial ao ínterim de seu sentido como linguagem através de seus significados e seus discursos.

De modo mais explícito: discutir os tipos de paisagem é uma questão de discurso, não de pensamento. Ademais, nessa crítica a uma epistemologia utilitária, versa "entre o uso que se poderia chamar os códigos ordenadores e as reflexões sobre a ordem, há a experiência nua da ordem e de seus modos de ser" (FOUCAULT, 2002, p. 18). E é isso, a preocupação aqui é apontada para outro mote, a diretriz da ordem da natureza e seus impactos à consciência humana que é reativa para com a linguagem. Na união dos continentes, no curso do homem geográfico à globalização, alude-se "cruzamentos que misturam paisagens. Alargam o ecúmeno. Mesclam configurações. Tornam espaços socialmente mais densos. E dão início a uma alteração do equilíbrio ambiental em escala planetária" (MOREIRA, 2007, p. 49).

A coesão da ordem não é de modo algum estável, harmoniosa ou completa haja vista só o ser em ideia, a ordem real é a que, de modo mundano, chama-se de desordem. Essa posição une, também, as relações individuais e coletivas, fomentando-se uma percepção social: "a experiência privada liga-se a si mesma e às experiências alheias, a paisagem abre-se a um mundo geográfico, ela tende à plenitude absoluta" (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 458). As paisagens relacionam-se entre si e, vinculadas entre os indivíduos em uma configuração social, modificam-se como coisa e como palavra, sobretudo na mudança de escala; mas, no modificar, é na interação entre os seres humanos que se concebe o sentido da paisagem.

Uma paisagem dita natural não se conserva em pequenas escalas, assim como uma paisagem humana não permanece em toda na mudança de local. É uma questão geográfica prática, a qualificação da paisagem, instrumental às pesquisas de recortes espaciais. Em totalidade existencial, a paisagem é a linguagem dos fenômenos. Abre-se vivência, "quando olhamos para o céu, nos sentimos tomados pela beleza de um fenômeno celeste e nos demoramos admirando-o, experimentamos um deslocamento de intenção, que faz recuar o seu ser de sinal" (GADAMER, 2015, p. 216). O pensamento trabalha a natureza e percebe a configuração dos entes que em configuração de seres

referem-se às unidades das palavras às coisas e que, no ápice da compreensão, atinge a paisagem. É um processo humano deveras singelo, um modo de transformar a espacialidade: "Com vistas à ideia de uma determinação inteligível da humanidade, a natureza enquanto bela natureza ganha uma *linguagem* que a condiz a *nós*" (GADAMER, 2015, p. 93, destaques do autor). A linguagem provém de nós mesmos, a fenomenologia da paisagem é a paisagem da fenomenologia.

Faz-se, pois, assim, a linguagem do pensamento, direcionada em sua enunciação e em sua tradição. Dos fenômenos constrói-se da Terra o mundo dos fenômenos através das paisagens, determinadas pelas integrações entes-seres e coisas-palavras, na situação do corpo-consciência enquanto terreno-mundanos. Em outro caminho, guiar-se-á ao pensamento da linguagem.

PAISAGEM, PENSAMENTO DA LINGUAGEM

> *Ainda que aquela imagem distorcida do globo terrestre animado pelo próprio organismo, ou seja, apenas aquele lado meramente matemático, fosse o panorama inanimado do mapa, se este quisesse se medir, servindo como a imagem da vida cheia de conteúdo da intuição, isso é pouco ideado e quase não ocorre em nossa consciência no mercado de nossa literatura cotidiana.*
> *(Ritter, 2018, p. 145)*

Ao passo da relação da paisagem com o território, tem-se, como maior expressão, a linguagem como língua, tendo em conta: "Se cada língua é uma concepção de mundo, ela não o é primeiramente como representante de um determinado tipo de língua, mas através do que se diz e se transmite nessa língua" (GADAMER, 2015, p. 569). Encontra-se, pois, na língua da paisagem a questão da enunciação da tradição. A paisagem é um problema existencial. Como menciona P. Ricœur (2020, p. 45), sobre o título gadameriano: "até que ponto a obra merece denominar-se: *Verdade e método*; talvez fosse preferível intitular-se *Verdade ou método*". E, de fato, faz seu sentido, basta notar que descompactuada com o método a verdade floresce – que é o que se mostra e, grifa-se, o mostrar que se apresenta não é ser evidente do mostrar aparente da essência ôntico-ontológica**!** –, assim, o mundo dos fenômenos é a verdade em um mundo pré-percebido, ao qual mesmo este é um mundo e não, simplesmente, um substrato telúrico ao raso mais banal.

Sem método, sobra apenas a abertura da verdade, não relativa, mas existencial. Nesse caminho, entende-se que não é a metodologia que faz o científico, mas o científico que se faz metodológico, de modo possível, todavia não necessário. A ciência existencial opõe-se à ciência metodológica: "o pensamento científico define-se como uma evidente promoção da existência. [...] a ciência propõe-nos um existencialismo pela ação enérgica do ser pensante" (BACHELARD, 2006, p. 22). Isso tudo para entregar uma possibilidade desvinculada do modo positivista, tal como se excerta do dito de Bertrand (2004, p. 141): "Estudar uma paisagem é antes de tudo apresentar um problema de método". Ora, antes de tudo há a busca do sentido da paisagem. Seria apenas método para uma preocupação via consciência prática – ignorante de intencionalidades –, embora a verdade se perca em uma falsa noção de objetividade.

Concorda-se, pois, com L. Silva (2021):

> "Existem certas abordagens de viés positivista que tratam a paisagem como ambiente ou geossistema, o que expressa uma visão modernista de separação brutal entre o homem e a natureza, a partir da objetificação desta última a serviço das demandas antrópicas" (SILVA, 2021, p. 51).

Isto é, sem a presença da consciência teórica – à égide das subjetividades partícipes – esvai-se toda a possibilidade fenomênica da paisagem, ela nem chega a aparecer, paira em um *a priori*, em um constructo de categorias destituídas de sentido existencial.

Há mais, ao rumo artístico. Na historicidade do conceito de paisagem, a partir de Y. Tuan (2012), atenta-se que somente

> "para a Inglaterra, em fins do século XVI, é que a palavra perdeu suas raízes terrenas e adquiriu significado valioso de arte. Paisagem chegou a significar um panorama visto de um determinado ponto. Depois, foi a representação artística desse panorama" Tuan (2012, p. 188).

Assim, a arte e a concepção de paisagem uniram-se e, isso, em um vínculo de sentimentos tornados manifestos entre a obra e seu horizonte observado. Isso sob o atento de que "é inegável que o julgamento sobre a beleza de uma paisagem fica na dependência do gosto artístico de uma época" (GADAMER, 2015, p. 103). Desse modo, a paisagem fomenta uma estética em temporalidade socialmente vivida e as formas de coexistências

elencam os juízos estéticos. Esse é o percurso próprio da poética: "Assim, o poeta não foi procurar muito longe sua ferramenta para o sonho. E, entretanto, com que arte ele nuclearizou a paisagem! Com que fantasia ele dotou o espaço de múltiplos torneados" (BACHELARD, 1978, p. 300). Ao visionamento poético, a multiplicidade encarna-se na paisagem em uma relação de si mesma com o mundo através da linguagem. Os fenômenos passam a se des-determinarem pelos sujeitos ou pelos objetos, mas é a coexistência geográfica do ser humano, que tange ao ser natural, o ser social.

Na perscrutação da paisagem, permite-se pensar em concordância com R. Williams (2011, p. 212): "As relações reais entre homens e natureza, e existência do real do observador e daqueles que ele podia ver apenas dissolvidos numa paisagem, voltam como um problema: de identidade, de percepção e da própria natureza". Assim sendo, é a concepção da paisagem em sua geografia pela interação homem-natureza, da existência à percepção, na abertura da própria identidade que reconhece, da integralidade de si mesma, um sentido comum aos objetos horizontados em fusão. Nesse caminho, percebe-se que "quanto mais detalhadamente o objeto é visto e descrito mais diretamente se vê e conhece a vida daquele que observa, através de uma linguagem e um ritmo novos" (WILLIAMS, 2011, p. 225). É, pois, nessa configuração das palavras que se constrói a imagem em um totalidade onto-fenomenológica.

Quanto às inter-relações humanas que transladam a paisagem, faz-se pensar em verdadeiras redes de paisagens que se dão a partir da realidade terreno-mundana, embora sejam transformadas pela consciência em linguagem e, nisso, através da comunicação, há a movimentação do sentido da paisagem. Lembrar-se deve que: "O sistema de comunicação não é construído apenas pela rede de informações, mas também pela rede de transportes" (WILLIAMS, 2011, p. 482). Os indivíduos movimentam-se ao compasso coletivo comum, conforme os desejos de deslocar e de pertencer (LOPES, 2019). Os sentidos da linguagem encontram-se no ínterim dos fluxos humanos que, sobretudo no contexto da globalização, permitem a relação intercultural deveras integrada e articulada. Nesses encontros, a atitude global vem à tona pela linguagem que orienta sentidos dialógicos da comunicação e há trocas de paisagens. A humanidade inter-desloca e, nisso, vivencia novas paisagens e, também, inter-pertence a todas elas pela própria interação entre o dizer e o escutar. Questiona-se: "A natureza do mundo muda? ou será a verdadeira natureza que triunfa da aparência! Em todo caso, o fato experimental é que a

introdução do núcleo na paisagem basta para conferir a esta um caráter débil...” (BACHELARD, 1978, p. 299). De fato, a transformação é configurada nas concepções subjetivas-objetivas e intersubjetivas-interobjetivas pela consciência das paisagens.

Acura-se a objetalidade dos objetos e a subjetividade dos sujeitos, transitam-se as coisas que aparecem e ao não se determinarem pela percepção vinculam-se às palavras que são rentes à historicidade da tradição de um território sedimentador do curso da língua. Cerceia-se, com C. Sauer (1998), que:

> “Não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas com o espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição” (SAUER, 1998, p. 42).

Do território, há as paisagens promovidas pela percepção, como definição une-se a R. Haesbaert (2019, p. 16): “Território, visto por muitos numa perspectiva política ou mesmo cultural, é enfocado aqui numa perspectiva geográfica, intrinsecamente integradora”. Desse modo, compreende-se tanto a política quanto a cultura como fenômenos de linguagem, a primeira em jogo de poderes e a segunda como jogo de tradições. Isso dado a partir de Aristóteles (S/D):

> “Claramente se compreende a razão de ser o homem um animal sociável em grau mais elevado que as abelhas e todos os outros animais que vivem reunidos. O homem só, entre todos os animais, tem o dom da palavra; a voz é o sinal da dor e do prazer” (ARISTÓTELES, S/D, p. 18).

Portanto, a linguagem é articuladora da política na enfática do planejamento do futuro e, também, da cultura na enfática do planejamento do passado.

Não limitado a essas concepções, encontra-se o território repleto de paisagens tal como assim está repleto de percepções que assentem as paisagens – como já dito, sobretudo com intuito de tipologizar: paisagem natural, paisagem humana etc. Desse modo, interligam-se espacialidades pelas paisagens, nos fomentos político e cultural, ao processo contínuo de “territorialização como o processo de domínio (político-econômico) e/ou de apropriação (simbólico-cultural)” (HAESBAERT, 2019, p. 16). Entre a política e a cultura está o entrave perceptivo que ordena os países em paisagens e, de modo mais vulgar, cenários de paisagens intencionadas pela nação: do como era, ao como é e ao como será. A paisagem, destarte, exerce sua ontologia de modo profundamente socioespacial, configurando-se na psique, irradiando o meio (situações) e o ambiente

(relações), a partir da existência geográfica (LOPES, 2022). Paisagem é a linguagem do espaço, em uma conexão entre a consciência e o mundo, a primeira (consciência) com a percepção (política) e o segundo (mundo) com a tradição (cultural). Por isso, a paisagem é a própria circularidade de conversão de pátria em nação e de nação em pátria. É um patrimônio político-cultural, exerce o princípio universal de humanidade e o de territorialidade.

No âmago da compreensão do mundo dos fenômenos, através da linguagem, configura-se uma grande diferenciação dialética de extrema oposição na fenomenologia paisagística: "A paisagem guarda diversas dicotomias: física/humana, morfologia/cultura, trabalho/ideia, materialidade/imaterialidade, representações coletivas/valores individuais, paisagem-tipo/paisagem real" (NAME, 2010, p. 179). Nessa conformação da consciência no organizar da configuração das palavras em um sentido de unidade paisagística, tem-se que essa ordenação é fruto existencial, isto é: "O corpo torna-se o eixo de uma verdadeira *organização semântica* do espaço que tem por base oposições como: alto-baixo, direita-esquerda, frente-atrás, próximo-distante etc." (CABRAL, 2000, p. 38, destaque nosso). A configuração das palavras é exercida pelo corpo que está diante e irradiante das situações (meio) e das relações (ambiente). Através da espacialidade, portanto, há a abertura para o mundo dos fenômenos enquanto presença perceptora do perceptível de modo a tecer a linguagem em unidade, a paisagem.

A questão chega à concepção de corporalidade, o modo de ser corporal no mundo, dessarte, segue-se rumo ao caminho de M. Merleau-Ponty (2018, p. 4, destaque do autor): "Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem". É, nessa retrospeção, que se voltam as coisas e as palavras faladas na coragem de dizê-las, ademais, é aqui que a coisa torna-se objeto e a palavra torna-se sujeito, transmutam-se dos entes reais aos seres mundanos, prospectados na realidade como sujeitos e na mundanidade como objetos, ou seja, invertem-se.

Destarte, a paisagem é a linguagem dos fenômenos do mundo. Em um estudo cultural, P. Gomes (2017) atenta à população *Inuitait* no extremo norte do Canadá, uma situação aberta em relações com o gelo, a qual prospecta:

> "...sinais e marcas na paisagem, aparentemente uniforme, igualmente branca e, por vezes, envolta em nevoeiros e borrascas, pode nos indicar justamente a ambígua fronteira de uma Geografia situada entre uma forma de intuição e uma forma de inteligência" (GOMES, 2017, p. 19).

Aqui encontram-se conceitos importantes, a paisagem está pendulada na intuição e na inteligência, confrontam-se o real e o ideal, o visto pré-dito e o conceituado. De modo profundo: "A ideia de paisagem nos ensina a olhar de outra forma, nos ensina a ver coisas, conteúdos, valores, onde parecia antes nada haver de admirável" (GOMES, 2017, p. 134). Essa mensagem é o apogeu da paisagem em sua profundidade nas relações, impregna-se o terreno ao mundano; Terra e Mundo integram-se em uma metamorfose da consciência, individual e coletiva, particular e geral, em congregação da fenomenologia dialética da própria corporalidade.

Amplia-se: "Desde então, parece que aprendemos a apreciar e que incorporamos, de modo quase natural na vida cotidiana, os valores, os conteúdos contidos nesses fragmentos expostos ao olhar" (GOMES, 2017, p. 134). A paisagem chega à consciência na unidade dos lugares que se acoplam nas memórias (históricas) e intenções (projetivas), assim, a temporalidade da paisagem é consciência. Ademais, ao prumo social da paisagem: "Quando me mostram em uma paisagem um detalhe que sozinho eu não soube distinguir, existe ali alguém que já viu, que já sabe onde é preciso colocar-se e onde é preciso olhar para ver" (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 415). Conflui-se a vivência humana como uma configuração social que intercomunica as paisagens, dá-lhes seus sentidos e, por conseguinte, congrega à consciência geográfica coletiva uma noção comum de valores às imagens na imaginação que é uma experiencialidade sistêmica, ao inter-relacionar os grupos e, também, serial, ao manter a individualidade: é uma sistêmica-serial (LOPES, 2021b). Desse modo, a linguagem é abertura humana através das paisagens configuradas pelas coisas em palavras que aludem uma unidade geográfica político-cultural.

Conversa-se, por fim, sobre uma abertura da paisagem, essa enquanto dimensão de horizonte, isto é, segundo H. Gadamer (2015, p. 330): "Um horizonte não é uma fronteira rígida, mas algo que se desloca com a pessoa e que convida a que se continue a caminhar". Ou seja, o horizonte move-se a todo momento com a pessoa, seu horizonte refere-se a uma experiência e, na experiencialidade vivida, tem-se a fusão dos

horizontes como a própria vida em compreensão de mundo. Disso, designa-se um projeto impulsionador da consciência à futuridade

> "Desse modo, à intencionalidade-horizonte que constitui a unidade do nexo vivencial [...] igualmente abrangente por parte dos objetos. Pois tudo o que está dado como ente está dado como mundo e leva consigo o horizonte do mundo" (GADAMER, 2015, p. 330).

Os horizontes dos objetos e os horizontes dos sujeitos interligam-se em uma fusão epistêmica, desfacela-se sua diferenciação teórica pela prática, isto é, percebe-se o ente (como objeto, pela coligação ao sujeito) e, nisso, o ente é; diz-se que é, logo, o ser é o ente e o ente é o ser. A paisagem é real, mas também intramundana, sua consistência está na percepção e sua objetividade, na sua compreensão pela linguagem.

Aqui, faz-se a abertura da geoética a partir da paisagem horizontalizada, a saber: "Ganhar um horizonte quer dizer sempre aprender a ver para além do que está próximo e muito próximo, não para abstrair dele, mas precisamente para vê-lo melhor, em um todo mais amplo e com critérios mais justos" (GADAMER, 2015, p. 403). Eis este conceito enquanto compreensão crítica de mundo: "O substantivo 'geoética' é um neologismo proposto por Denise Pumain [...] consistindo em abordar problemas éticos de diferentes correntes intelectuais engajadas na reflexão sobre a justiça"[1] (BRENNETOT, 2010, p. 76). Os horizontes são mais que dimensões, são os distintos modos de percepção de si no mundo e da própria compreensão desse mundo pela fusão dos horizontes e, ademais, pelo ultrapassar o mundo e vivenciar outros mundos, fundem-se os mundos em Mundo (LOPES, 2021a). A questão é que uma abertura de horizontes e de mundos em fusão, é a própria consciência geográfica complexificando e aprendendo, cada vez mais, o que é ser a si mesmo (nos horizontes fundidos) e ser um outro (nos mundos fundidos). Atormenta-se aquele que não acura a percepção, fadado à ignorância.

Ainda, ao aprofundar da concepção ética, tem-se, segundo L. Wittgenstein (2001), que: "Da vontade enquanto portadora do que é ético, não se pode falar". Outrossim,

> "se a boa ou a má volição altera o mundo, só pode alterar os limites do mundo, não os fatos; não o que pode ser expresso pela linguagem. Em suma, o mundo

[1] Tradução livre de: "*Le substantif 'géoéthique', néologisme proposé par Denise Pumain, [...] consistant à aborder les problèmes éthiques à partir de différents courants intellectuels engagés dans la réflexion sur la justice*."

> deve então, com isso, tomar-se a rigor um outro mundo. Deve, por assim dizer, minguar ou crescer como um todo" (WITTGENSTEIN, 2001, p. 277).

Eis a fusão dos mundos como configuração ética transpassada pela linguagem. Desse modo, configura-se, no intramundano, uma nova concepção de atribuição geoética transpassando a totalidade da linguagem e não apenas seu recorte da vontade individual de linguagem: "Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo" (WITTGENSTEIN, 2001, p. 245). As paisagens conhecidas particularizam-se da totalidade universal dos fenômenos, abrem-se em suas inter-relações que, do distinto, promove-se a identidade. Reconhece-se, nas interligações do pensamento na unidade da linguagem em paisagem, a ética.

Concebe-se, por fim, a concepção da linguagem (entes, coisas e objetos) do pensamento (seres, palavras, sujeitos) em pensamento da linguagem em uma circularidade hermenêutica da ontologia da paisagem que é uma conversão dessas facetações. Disso, concebem-se as fusões geoexistenciais dos horizontes e, sobretudo, dos mundos, expandindo os horizontes geoéticos. Pensar é um articulador do mundo dos fenômenos e, ainda, a consciência geográfica, através da percepção, entrama o pensamento geográfico de abertura social. Nessa concepção, tem-se o mundo geográfico em suas inter-relações fundidas ao que a paisagem – em uma noção do espírito da paisagem para a paisagem do espírito –, portanto, a paisagem é a linguagem dos fenômenos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo a compreender a paisagem, perscrutou-se sua abertura de modo existencial a partir do mundo dos fenômenos no exercer da linguagem em unidade. Contempla-se uma vastidade de profusões, os entes abertos em seres são percebidos (existencialidade, ente-ser), contudo, abre-se a configuração das coisas como configurações de palavras (experiencialidade, coisa-palavra) e chega-se à percepção enquanto configuração de objetos ao sujeito percipiente (conscienciosidade, objeto-sujeito). Entrama-se a rede de significados a partir dos significantes dos signos. Todas essas versões detalhadas, ao que concernem à realidade terrena e à mundanidade, fazem entender a paisagem no ínterim dessa permeação através da linguagem.

A conexão entre paisagem e sua raiz que condiz com a noção de território resvala, sobretudo, da linguagem como língua, ou seja, do povo que, em sua tradição, arquiteta uma abertura social comum. Na linguagem, edificam-se a política e a cultura, respectivamente, em seu projeto de planejamento e em sua história de tradição. Ela abre a percepção, engendra todos os sentidos, ainda que o grande ápice seja a visão à inter-relação da totalidade do corpo-consciência conferindo, à experiencialidade, uma abertura complexa em que a paisagem também são volumes, movimentos, odores, sons etc. Dessarte, a paisagem é a linguagem dos fenômenos provenientes da facticidade do mundo em sua diferenciação dos entes em distinção das coisas. A paisagem não é o que se vê porque é mais, pois é o que se percebe à linguagem.

De modo a configurarem-se os tipos de paisagem, tem-se uma discussão rumo aos trâmites discursivos, a paisagem existencial é ela nela mesma, é sua ontologia, sua hermenêutica e visa à consciência geográfica em sua percepção geográfica. No entanto, tece-se a geografia como ciência existencial à paisagem pelo mundo, defronte a uma ciência metodológica da paisagem pelo método. Perde-se, na mera classificação e detalhamento fisiográfico, a vivência para uma necessidade de isolar o eu dos fenômenos, sendo um erro crasso para a perspectiva da realidade. Não se trata de abandonar os tipos de paisagem, muito pelo contrário, fazem-se importantes, embora seja, apenas, a compreensão existencial para se conceber, de modo autêntico, a sua cientificidade tipológica.

Concebe-se, portanto, que a paisagem é uma concepção adversa a simplificações hostis para com sua constituição ontológica: não trata-se de uma compreensão exclusiva da visão, mas da integralidade da percepção; não alude-se a uma imagem, mas a uma espacialidade existencial; não implica-se em estaticidade, mas a movimentação concernente a existência para a experiência e, dessa, à consciência. Nessa concepção, configura-se a leitura nadológica ao rumo de se assentar a compreensão da paisagem em sua epistemologia. Assim, espera-se incutir uma leitura intersubjetiva e interobjetivas, ambas imbricadas, ao ínterim da fenomenologia da paisagem ao transpassar de seu sentido.

Este estudo, pois, cerceia uma compreensão acerca da paisagem a partir da linguagem dos fenômenos. Essa é uma definição plausível com as bases hermenêuticas aqui fundamentadas e espera-se, assim, que a leitura existencial tenha sido evidenciada

como possibilidade à perspectiva da paisagem, firmada em uma geografia existencial. Entre infinidades de asserções, almeja-se terem sido tramadas as salutares para promoverem a reflexão crítica à contemplação da paisagem em sua generosidade geoética. Isto é, o ético é perceptível, compreendido conforme uma linguagem robusta à paisagem em vista dos fenômenos. Do mundo em mundos fundidos, chega-se ao Mundo. Adensa-se a paisagem, como irradiação desse processo, solícita às reflexões geográficas acerca do existir à existência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

ARISTÓTELES. **A Política**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, S/D.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BALDIN, Rafael. Sobre o conceito de paisagem geográfica. **Paisag. Ambiente: Ensaios**, São Paulo, v. 32, n. 47, 2021.

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico**. R. RA´E GA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRENNETOT, Arnaud. *Pour une géoétique: éléments d'analyse des conceptions de la justice spatiale*. **L'Espace Geógraphique**, Belin, v. 39, p. 75-88, 2010.

CABRAL, Luiz. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 34-45, 2000.

CHALOUB, Ricardo. A terra é azul! **Ciênc. Cult.**, São Paulo, v. 67, n. 3, p. 24, 2015.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A Filosofia Crítica de Kant**. Lisboa: Edições 70, 2000.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GADAMER, Hans. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2015.

GOMES, Paulo. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HUMBOLDT, Alexander. **Quadros de Natureza**. 2ª ed. São Paulo: Clássicos Jackson, 1950.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**: cinco lições. Petrópolis: Vozes, 2020.

KHALDUN, Ibn. **Os prolegômenos ou Filosofia Social**. São Paulo: Safady, v. 3, 1960.

LA BLACHE, Paul. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.

LOPES, Jahan. Complexo de Odisseu: uma geografia existencial do deslocar e do pertencer. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 102, p. 48-62, 2019.

LOPES, Jahan. Geografia existencial: entosfera, ontosfera e nadosfera. **Geografia (Rio Claro. Online)**, Rio Claro, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021a.

LOPES, Jahan. Tempo geográfico: um caleidoscópio da simultaneidade. **Geografar**, v. 16, n. 2, p. 335-350, 2021b.

LOPES, Jahan. Psicologia socioespacial: a existência geográfica no meio ambiente. **Geoconexões (Online)**, v. 1, p. 170-188, 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, v. 6, n. 2, p. 163-186, 2010.

RICŒUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. Petrópolis: Vozes, 2020.

RITTER, Carl. Sobre o elemento histórico na ciência geográfica (1833). **GEOgraphia**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 20, n. 43, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. 3ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 9ª ed. São Paulo: Ed. USP, 2017.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. *In*: CORRÊA, Roberto; ROZENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

SEEMANN, Jörn. Menino é azul e água no mapa também: cartografia, cores, convenções e cultura. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 23-44, 2020.

SILVA, Leonardo. A paisagem entre a região e o lugar. **Entre-Lugar**, Grande Dourados, v. 12, n. 24, 2021.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

VASCONCELOS, Thiago; CAMPOS, Augusto; CELERI, Marcio. Abordagem da paisagem para alunos com deficiência visual: caminhos para um currículo que vá além da geografia tradicional. **GEOSABERES**: Revista de Estudos Geoeducacionais, v. 10, n. 20, 2019.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WITTGENSTEIN, Ludwig. ***Tractatus logico-philosopicus***. São Paulo: Ed. USP, 2001.

Recebido em março de 2022.

Revisão realizada em outubro de 2022.

Aceito para publicação em dezembro de 2022.